



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante audiência ao Conselho Nacional da Juventude para assinatura da convocação da 2ª Conferência Nacional da Juventude**

**Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília-DF, 12 de agosto de 2010**

Eu tenho que chegar aqui, à frente, abotoar o paletó, e tenho que ler um discurso aqui, com muita responsabilidade. Eu tirei sete páginas do discurso, para encurtar.

Bem, primeiro, cumprimentar os companheiros: o Beto, o Dulci, o Danilo e o João Marcos.

\_\_\_\_\_: (incompreensível)

**Presidente:** É João Marcos Vidal.

\_\_\_\_\_: É nome artístico.

**Presidente:** Hein?

\_\_\_\_\_: É artístico.

**Presidente:** E o Danilo, é Moreira. E o Beto, é Cury.

Bem, cumprimentar todos os queridos companheiros e companheiras que participam do Conselho da Juventude. Antes de eu dizer algumas palavras que eu quero dizer sobre política, e não vou falar... eu não posso nem citar nomes de deputados que estão aqui porque a lei proíbe. Na verdade, a culpa é deles que fizeram a lei, não é nossa. Não sei como é... não sei como é que



alguém faz uma lei que proíbe citar o seu nome! Mas, de qualquer forma, de qualquer forma... (risos).

Eu queria apenas dizer para vocês o seguinte: é que desde 2003 o nosso governo incluiu a juventude entre os setores prioritários a serem atendidos por nossas políticas públicas. Nesse sentido, já em 2005, o Brasil passou a contar com a Política Nacional da Juventude. No mesmo ano, nós criamos a Secretária Nacional da Juventude, vinculada à Secretaria do companheiro Luiz Dulci, que é o secretário-geral da Presidência da República, e também foi instituído o Conselho Nacional da Juventude – Conjuve. Isso, nós estamos falando de cinco anos, praticamente, o que é inédito na América Latina.

O Conselho atua na defesa dos direitos juvenis e reforça a democracia participativa, tendo importante papel no acompanhamento e no aprimoramento da Política Nacional da Juventude. É importante destacar que, neste período, foram criados os fóruns nacionais de gestores municipais e estaduais de juventude e que os conselhos municipais e estaduais se multiplicaram desde 2005 e hoje estão presentes em centenas de municípios e em vinte estados da Federação.

Por meio do Conjuve, a juventude mostra que venceu uma parte do desafio de mostrar que é um segmento social com direito a políticas específicas que atendam suas necessidades.

Outra conquista histórica, recentemente obtida, foi a PEC da Juventude ou a Emenda Constitucional nº 65, promulgada em julho deste ano, e que foi aprovada por unanimidade na Câmara e no Senado, com o apoio do governo. Mas, acima de tudo, por uma articulação bem feita e bem-sucedida do Conselho Nacional da Juventude.

Graças a essa Emenda, o termo “jovem” passa a constar do capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, assegurando à juventude direitos que já foram garantidos constitucionalmente às crianças, adolescentes, idosos, indígenas e mulheres. A PEC da Juventude é também



um passo importante para que as políticas de juventude sejam elevadas à condição de políticas de Estado.

Recentemente, também, o Congresso Nacional aprovou a adesão do Brasil à Organização Ibero-Americana da Juventude, OIJ, reforçando... OGI... não... é, OIJ, reforçando o tema Juventude como elemento de cooperação em nossa política externa. Quais são os resultados disso? A Política Nacional de Juventude reúne um conjunto de políticas estruturantes com programas específicos, como o ProJovem, o ProUni, o Programa Segundo Tempo e o Pronasci, além de políticas de expansão das escolas técnicas e das universidades públicas.

O ProJovem foi implementado em julho de 2005. Em seu formato original, atendeu 241.235 jovens, entre 27 capitais e 29 municípios, nas regiões metropolitanas das capitais. Aqui é importante... O Dulci, por humildade, não falou. No começo do ProJovem nós tivemos problemas com vários prefeitos que, por questões políticas e ideológicas, não quiseram inscrever a juventude. Dava a impressão de que naquele município você não tinha jovem pobre, e São Paulo foi um deles, apenas para citar. Apenas para citar que São Paulo foi um deles. Depois que eu fiz uma crítica na televisão, aí começaram a correr atrás. O Rio de Janeiro também foi outro estado... outro município que também não quis fazer. E assim outros, por uma questão eminentemente ideológica, mas que na minha opinião, era uma questão eminentemente de burrice, porque o dinheiro era do governo federal, a gente estava querendo, a gente estava querendo apenas convencer o jovem que estava desanimado de estudar e que já estava sem esperança, a gente estava apenas querendo oferecer R\$ 100, Dulci, ou R\$ 120, para que ele voltasse para a escola, terminasse o ensino fundamental e pudesse aprender uma profissão.

Eu fui a Fortaleza, faz uns três meses... há dois meses eu fui a Fortaleza num ato do ProJovem – não sei se tem aqui alguém do Ceará –, e tinha lá por volta de 8 a 10 mil jovens. O que me marcou muito é que a maioria era mulher e 60% das mulheres que estavam no ProJovem eram mães, e muitas, mães



solteiras. Então, muitas que vieram conversar comigo, Dulci – isso é importante dizer para você que é o criador da ideia do ProJovem –, muitas vieram me agradecer, dizendo que o ProJovem era a tábua de salvação para elas corrigirem os erros que elas tinham cometido antes. Então, elas não iam parar de estudar nunca.

Em 2008, o Programa... nós fizemos uma reunião com todos os ministros da área social e o Programa passou a ser chamado ProJovem Urbano, e ampliou o atendimento para 96 municípios com população superior a 200 mil habitantes, e para 22 estados que atendem municípios com população inferior a 200 mil habitantes. Em 2008 e 2009, o Programa atendeu 340.787 jovens. Neste ano agora, 2010, o ProJovem Urbano atende 156.361 jovens, que estão em sala de aula desde o dia 24 de maio deste ano.

O ProUni, que vocês sabem que é um programa de muito sucesso e é uma obra de engenharia que resolveu uma inquietação minha, ou seja, eu tinha uma inquietação de como fazer para colocar o jovem na universidade, sabendo que era preciso primeiro você construir as condições financeiras para você fazer as escolas que precisavam ser feitas. Mas antes de você construir as escolas, como fazer? Então, nós tivemos uma ideia que o Fernando Haddad, nesses dias, me comunicou: a mulher do Fernando Haddad tinha apresentado essa proposta para nós no primeiro ano de governo – que eu nem tinha ficado sabendo -, que era tentar... A gente já sabia que muitas universidades não pagavam todos os impostos. Então, a gente ficava naquela brincadeira: fingindo que recebia; eles fingiam que pagavam, e a vida continuava. Então, nós resolvemos, acho que foi um momento de genialidade que a esposa do Fernando Haddad teve, de propor para a gente reduzir um pouco do imposto que eles já não pagavam e transformar o equivalente ao imposto em uma bolsa de estudo.

Nós chegamos, no mês passado, a 704 mil alunos. Eu, dois meses atrás, fui ao Hotel Blue Tree, que agora é Hotel Alvorada - todo dia muda de nome aquele hotel. Eu fui naquele... eu fui lá fazer uma reunião com os



primeiros 414 alunos do ProUni que se formaram em Medicina. Uma coisa extraordinária, porque um pobre jamais conseguiria se formar em Medicina se ele... só se ele fosse um gênio e conseguisse passar em um vestibular em uma Federal; mesmo assim, o material que ele tinha que comprar, ele não tinha dinheiro para comprar. Então essa meninada conseguiu se formar, e eu achei... foi o dia que eu fiquei... Nós já formamos, na verdade... nós já formamos, até agora, 108 mil jovens do ProUni, que já têm diploma universitário. Essa é uma coisa, para mim, extraordinária. Resolvemos um problema.

Mas nós também tomamos a decisão de criar o Reuni. O Reuni foi uma coisa engraçada, porque a chamada pequena burguesia brasileira, que tem o direito de estar sempre nas melhores universidades, que tem o direito de estudar em Paris, em Nova Iorque, em Londres, que tem o direito de ir para Chicago, que tem o direito de fazer um monte de coisas, ela se rebelou contra o Reuni, porque nós queríamos apenas elevar o número médio de alunos por professor, de 12 para 18, como é na França. Houve reitorias quebradas, houve reitorias invadidas porque os “filhinhos de papai” que já estavam estudando, não queriam que outras pessoas pudessem estudar.

Bem, com o Reuni e com as novas universidades e com as expansões universitárias, nós saímos de um número histórico de renovação nas escolas federais, de 113 mil alunos por ano, que era o que a gente renovava a cada ano, para 227 mil alunos. Um ano depois do Reuni, a gente dobrou a renovação nas universidades brasileiras, numa demonstração de que era possível fazer as coisas se a gente fizesse elas bem-feitas.

Bem, aqui, ô Beto, no teu... no discurso, que você certamente passou para o meu pessoal fazer, está dizendo 117 novos campi. Não são 117. Nós... Eu estou falando 105, mas já tem 115, 115 novos campi avançados nós temos. E das 14 universidades federais criadas – é importante lembrar para vocês –, duas... a última foi aprovada, agora, pelo Senado, que vai ser a universidade que vai ser feita na Redenção, no estado do Ceará, que é a afro-luso-brasileira, que é para atender alunos da África. Nós vamos começar, no primeiro



momento, com alunos da África portuguesa, mas depois nós pretendemos estender para todos os países da África. E a Unila, que é a Universidade da América Latina, que também foi aprovada e já está sendo construída, já teve vestibular, e nós vamos, no prédio da Itaipu, agora em setembro, nós vamos começar uma aula inaugural, já, de um curso latino-americano, com professor latino-americano, com currículo latino-americano, para que a nossa juventude possa trabalhar a integração do ponto de vista cultural, de verdade, e aí, todos nós (incompreensível).

Bem, eu falei 14 já feitas e duas que... duas, a Unila e a Afro-Brasileira, porque a Univasf, que é a Universidade do Vale do São Francisco, quando eu cheguei à Presidência ela tinha sido aprovada pelo Congresso, mas quem fez cada tijolo dela fomos nós, e eu, agora, estou indo – na semana que vem, acho – à Petrolina, onde nós vamos inaugurar, definitivamente, tanto do lado da Bahia, quanto do lado de Pernambuco, a Univasf.

Bem... bom, a expansão do ensino técnico vocês têm acompanhado. Nós temos que inaugurar, Dulci, até o final do ano, possivelmente mais 70 e poucas, e nós vamos ter que inaugurar dez em cada mês para a gente poder... Tem 20... tem 30 para inaugurar recentemente, nós vamos ter... Não dá mais para inaugurar uma a uma, duas a duas ou três a três, nós vamos ter que fazer inauguração pelo sistema mutirão, via telão, via telão, mas nós queremos terminar o mandato entregando as 214 escolas técnicas que nós nos comprometemos. E aí eu sou obrigado a dizer: em cem anos, a elite brasileira fez 140. Nós, em oito anos, vamos entregar 214 escolas técnicas. Até maio, até maio já foram inauguradas 136 escolas, Dulci.

Apenas... só para vocês terem ideia, no primeiro semestre de 2010 foram matriculados novos 58.340 jovens. A meta é chegar, até 2010, com 500 mil vagas nas escolas técnicas brasileiras, e torcendo para que os próximos governantes... nós tivemos governantes que passaram quatro anos, que passaram seis [oito] anos e não fizeram nenhuma universidade.



Se cada governante fizer uma parcela, um pouquinho, a gente pode chegar, daqui a alguns anos, a gente ter cumprido as necessidades de atendimento da juventude brasileira no que diz respeito à universidade. E, na medida em que a gente vai fazendo universidades federais de qualidade, obviamente, que vai diminuindo cada vez mais as universidades pagas, porque na hora em que tiver de graça, o cidadão vai fazer opção. E por que tem que ser de qualidade? Porque o que tem... – *cadê aquele papelzinho, aquele papelzinho que eu te dei, Dulci? Do, do...* – tem que ser de qualidade, gente, porque nós... – *o dos professores...* Porque nesses dias eu fui ao lançamento do... eu fui à Conferência de Ciência e Tecnologia, e era importante, se a gente pudesse, companheiros Marcos ou Beto, mandar para cada companheiro da Secretaria da Juventude aquele folhetinho que foi apresentado na Conferência de Ciência e Tecnologia e aquele vídeo que tem oito minutos, para que vocês pudessem assistir. Pode pegar com o Sérgio Rezende... Porque, na verdade, aconteceu uma pequena revolução nessa área que, muitas vezes, a gente não consegue ler na imprensa. Não é que a imprensa é contra nós... Vocês sabem que a imprensa, a imprensa, sobretudo de mim, ela gosta muito. Mas é que, às vezes, notícia boa não tem importância, não tem importância a notícia boa. Você, às vezes, não dá aquilo que é bom, que acontece.

Mas o Brasil, pela primeira vez na história do Brasil, isso não é dito por mim, é dito pelo Presidente da SBPC... nós fizemos um programa de ciência e tecnologia que não era do ministro. Porque normalmente é assim: o ministro entra, ele tem uma tese, transforma a sua tese em um programa de ciência e tecnologia; ele cai fora, vem outro, joga aquela tese no lixo, coloca outra, a sua tese. E pela primeira vez na história do Brasil, segundo a SBPC, portanto, insuspeito, porque a SBPC todo mundo sabe do comportamento político dela, afirmou no discurso que foi a primeira vez que um programa de ciência e tecnologia não era do governo, foi feito pela sociedade científica e o governo adotou. E no dia em que o governo adotou, eu propus uma comissão de cientistas que fiscalizassem a aplicação dos recursos do PAC da Ciência e



Tecnologia, que foi uma somatória de R\$ 41 bilhões. Vamos terminar o ano, vamos terminar o ano, vamos terminar o ano, Dulci, praticamente utilizando todo o recurso. Mas eu pedi isto aqui porque isto aqui é resultado desse trabalho que, muitas vezes, aparece. O número de doutores no Brasil passou de 2.830, em 1996, para 10.750, em 2008. Em 2009 teve mais mil e poucos doutores, em 2010, mais mil e poucos doutores. Portanto, quando for publicado o número de 2010, a gente, em vez de 10.700, deve ter por volta de 13 mil doutores no Brasil. O que... mas isso equivale a um aumento de 278% em 12 anos. Foram 87.063 pessoas tituladas nesse período. Nesses 12 anos houve um crescimento médio anual de praticamente 12%.

Qual é o dado importante que vale a pena dizer para vocês? O Nordeste, o Nordeste cresceu. Em [19]96, o Nordeste tinha apenas 1,4% de doutores formados. Em 2008, ele passou para 10%, ou seja, houve um crescimento extraordinário e eu acho que ainda está muito aquém daquilo que nós precisamos para fazer com que o Nordeste e o Norte se tornem iguais às outras regiões mais bem-sucedidas do Brasil.

Qual é um outro dado importante que merece ser... A maior parte dos doutores brasileiros estão empregados na Educação: 77%; 11% na Administração Pública e apenas 3%... 3,8% em atividades profissionais de ciência e tecnologia, e 3% na Saúde. É que nós ainda... eu penso que é um sonho que nós vamos atingir, é fazer com que esses doutores possam trabalhar em empresas, para levarem o seu conhecimento para a questão da inovação. Quando você vai à China, você percebe que o cidadão fez uma tese – ele virou doutor –, ele apresenta aquela tese para uma empresa, para ver se a empresa consegue transformar a sua genialidade num produto. Aqui no Brasil, durante muito tempo, nós tivemos um pouco de preconceito contra isso: a gente fazia as teses e guardava nas gavetas e elas não se transformavam num produto. Agora elas já começam a sair das gavetas e já começam a se transformar na possibilidade de um produto.

Mas o dado mais importante ainda, companheiros e companheiras, é o





seguinte. Um outro ponto importante na pesquisa é o aumento do número de mulheres que obtiveram o título de doutor. No período entre [19]96 e 2008, 43.280... [43.228]228 homens e 42.424 mulheres concluíram doutorado. Vejam que o homem tinha, entre [19]96 e 2008, tinha mil homens a mais do que mulheres. Mas após 2004, depois da Lei Maria da Penha, as mulheres deixaram de ser minoria e ultrapassaram os homens. Em 2008, 51,5% das teses concluídas foram de mulheres, enquanto 48,5% foram de homens, ou seja, as mulheres estão nos dando um banho.

Bem, companheiros e companheiras, eu, que disse ao Dulci que não ia falar, falei que o homem da pedra. Já viram aqueles caras que vendem chá de cobra... Eu, quando terminar o meu mandato, acho que eu vou numa praça qualquer, vender qualquer coisa.

Mas, olhem, eu queria, primeiro, agradecer o papel que vocês tiveram na Secretaria da Juventude. Queria agradecer o papel que vocês tiveram no Conselho e queria que vocês tivessem consciência de que o que nós obtivemos agora foram apenas os primeiros passos da consolidação de uma convivência democrática de um momento histórico, em que nem o Estado e nem o governo tem medo de conversar com a sociedade. É muito difícil um governante conversar com a sociedade. E por que eles têm medo? Porque normalmente eles pensam que a sociedade é do contra ou que a sociedade vai apresentar uma pauta de reivindicação.

No Brasil, só para vocês terem... virem a gravidade do que eu estou falando, eu fui o primeiro presidente do Brasil, desde que Cabral aqui pôs os pés e desde que foi proclamada a República, que me reúno todos os anos com todos os reitores das Federais e com todos os reitores das escolas técnicas. Os presidentes não se reuniam, certamente com medo, porque os reitores iam pedir mais dinheiro para as faculdades, para a universidade, ou vinham pedir mais coisas, sobretudo a palavra “autonomia”, que nós também concedemos autonomia agora para as universidades federais.

Mas por que não se conversava? Era porque no fundo, no fundo, as



peessoas que governavam o Brasil, eles não governavam o Brasil para todas as pessoas, eles governavam o Brasil para uma parte das pessoas, ou seja, dava-se de barato que o Brasil tinha por volta de 35 a 40 milhões de brasileiros que pertenciam a um padrão médio de sociedade, então você governava para aqueles. O restante éramos, possivelmente, nós, que vivíamos no movimento sindical fazendo greve, que eles não gostavam de receber, nem a porrete; o restante eram prefeitos que vinham aqui reivindicar, eles nunca receberam uma Marcha dos Prefeitos. Nos meus oito anos de governo, eu e mais de vinte ministros participamos todos os anos da Marcha dos Prefeitos, e todo ano a gente recebia uma pauta de reivindicação, e todo ano seguinte a gente ia lá com eles, atendia a pauta de reivindicação, íamos lá anunciar o que nós atendíamos, eles entregavam outra pauta de reivindicação, e assim a vida ia. Todo ano nós fazemos isso com os Sem-Terra, todo ano nós fazemos isso com os estudantes, todo ano nós fazemos isso com a Contag, com a Fetraf. Ou seja, todos os movimentos, todo ano, entregam pauta de reivindicação, todo ano o Dulci vai em cada ministro, às vezes são 20 ministros, 30 ministros; entrega a pauta para cada um, cada um vê o que pode atender, vai para o Banco do Brasil, vai para o BNB, vai para o Basa, vai para tudo quanto é lugar. Trinta dias depois, eles m aqui, a gente se reúne, a gente diz que pode atender isso, isso, isso, isso; eles querem mais, a gente pede mais um dia, vai atrás... O dado concreto é que nós construímos uma relação sadia, uma relação sadia. Não é o fato de a gente poder atender tudo. É o fato de a gente tratar as pessoas com respeito e dizer: olha, eu posso atender ou eu não posso atender; isso aqui eu posso atender por isso, isso aqui eu não posso atender por aquilo. E assim nós conseguimos construir essa relação que eu acho que é... era um dos sonhos que eu tinha, era um dos legados que eu queria deixar para este país. Lamentavelmente, o Dulci fez um trabalho muito grande de sistematizar todas as conquistas de políticas públicas do nosso governo, porque eu ia mandar para o Congresso para aprovar uma espécie de consolidação de políticas públicas, inclusive as conferências, obrigar que cada governante que



entre neste país não tenha medo de conversar com o seu povo, que converse com o povo.

Durante as eleições, durante as eleições, é todo mundo assim, é sorrzinho. Vejam as fotos nos *outdoors*: é todo mundo rindo. Não sei do quê, mas estão rindo. A gente é orientado a rir, porque tem que rir, porque rir é que ganha voto, e todo mundo... depois das eleições tem medo. Nós invertemos essa lógica, nós invertemos. Por que é que eu não mandei para o Congresso Nacional? Aqui, os companheiros deputados precisam compreender. Eu não mandei exatamente por conta do processo eleitoral. Esta é uma época em que a gente monta... manda para o Congresso um pônei bonitinho, daqueles pequeninhos, de circo, e o bicho volta um camelo. Vocês sabem disso, porque a quantidade de emendas... Então, para não destruir, para não destruir e não deformar, eu falei para o Dulci: vamos ter paciência, vamos esperar o Congresso eleger os novos deputados, os novos senadores, e aí se dá entrada com o Congresso...

Você também tinha um outro problema, agora, que é chato, viu? Eu posso dizer para vocês, aqui, pela experiência. Você, agora, você tem um conjunto imenso de deputados e senadores que, com razão, estão preocupados com as suas campanhas, estão preocupados em arrumar dinheiro para fazer boletim, para fazer panfleto, para pagar a sua carinha na televisão. Depois, se ele ganhar está tudo resolvido. Mas se ele perder, ele volta com uma dívida e ninguém quer dar dinheiro para quem foi derrotado. Eles vão voltar muito mal-humorados, então, é preciso a gente só deixar para mandar isso quando estiver todo mundo de posse, de terno novo, não é isso? Eu, quando fui deputado, a primeira coisa que falaram para mim foi o seguinte: “Ô, Deputado...”. As pessoas nem me conheciam, mas eu andava com um “brochinho” desse: “Ô, Deputado, tem um salário para comprar um terno”. Aí, eu já comprei um terno, chiquérrimo, amarelo, parecia uma arara. Achei que eu era uma... Então, nós não mandamos a nossa regulamentação por conta disso, mas nós vamos mandar, porque é necessário que a gente tenha...



Então, eu queria que vocês... Daqui a quatro meses e meio, nós não vamos mais estar aqui – obviamente que alguns podem estar, outros, não. Eu, certamente, não estarei, mas antes de eu deixar a Presidência nós vamos fazer, Dulci, vamos combinar de pegar esse pessoal aqui e a gente fazer um jogo, ou lá no Torto ou lá no Alvorada, porque é uma forma... Hein? Não, não. Pressupõe-se que um jogo de futebol tenha um churrasco, tenha refrigerante, tenha refrigerante e também uma cervejinha, porque ninguém é de ferro. Mas aí, eu vou acertar com o Beto... eu vou acertar com o Beto para a gente fazer uma coisa bem feita, mandar diminuir o campo pela metade, porque eu não estou vendo vocês com cara de... Mas, de qualquer forma, companheiros, do fundo do coração, meus agradecimentos.

Eu queria agora fazer o papel da Justiça Eleitoral. Nós vamos ter eleições dia 3 de outubro, acho que é um momento mágico para um país ter uma eleição, nós aprendemos a exercitar a democracia como poucos países. Acho que até o nosso sistema de urna eletrônica é invejável, é invejável, tem muitos países pedindo o modelo, porque votam 120 milhões de pessoas, com meia hora, você já está quase sabendo o resultado. Nós estamos modernizando – agora vai aparecer o digital; não vai ter todo ainda, vai ser uma boa parte. O importante é que a gente faça desse processo eleitoral a consolidação da democracia deste país. Eu posso dizer para vocês que a democracia, ela será cada vez mais forte quanto mais motivada a sociedade estiver em brigar pelos seus direitos, brigar. Quando eu digo brigar não é quebrar vidro, não é... não, é brigar, é exigir os seus direitos.

Nós temos muita coisa para construir no Brasil ainda, muita. Vocês sabem que nós tivemos um momento difícil. Nós estamos vivendo o mais longo período de democracia contínua no Brasil. Se nós quisermos pegar [19]85, quando o Sarney tomou posse, que foi o primeiro presidente civil depois de [19]64, nós estamos com 25 anos de democracia contínua. Se a gente quiser pegar a Constituição de [19]88, nós estamos com 22 anos de democracia contínua. É muito pouco. Você imagine como é que este país viveu, em que



presidente ganhava, não tomava posse. O Juscelino, quando ganhou, diziam que ele não podia ganhar, que se ganhasse ele não podia tomar posse, e se tomasse posse não governava. O Juscelino! Que não era nenhum metalúrgico.

Então, o fato de este país ter aprendido a conviver com a democracia é uma coisa sagrada. Vocês estão acompanhando o que acontece no continente. Na Bolívia, um índio eleger... o povo boliviano eleger um índio é uma coisa nobre. O companheiro Pepe Mujica, que foi eleito no Uruguai, é um companheiro que esteve 14 anos preso e, dos 14 anos preso, seis anos ele ficou em solitária, seis. Se você conversar com ele, você não vê um pinga de mágoa no comportamento dele.

Então, falando apenas desses dois mais simbólicos, o Brasil aprendeu... até os Estados Unidos aprenderam – elegeram um negro para a Presidência da República –, uma evolução extraordinária para um país que tinha os problemas raciais que tinham nos Estados Unidos. Então, eu acho que essa evolução da democracia, ela se dará cada vez mais forte, quanto mais for forte a participação da sociedade.

Portanto, meus agradecimentos a todos vocês, e temos quatro meses, pela frente, de muito trabalho ainda para a gente poder consolidar a nossa marca.

Obrigado por tudo, companheiros.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---